

## PARADA NO TEMPO

FOTOS: DANILO MEIRELLES



Os cocos são uma das riquezas da Ilha do Fato, onde a zeladora Vera Lúcia Araújo mora com a família. Eles retiram os frutos com uma vara de bambu

# Família vive há 40 anos sem água e energia em ilha próximo a Camburi

**A Ilha do Fato destaca-se pela grandiosidade e pela vegetação abundante**

▄ **DANILO MEIRELLES**  
dmeirelles@redgazeta.com.br

“Aqui a pessoa não passa fome e nem necessidade. Só se tiver preguiça! A gente vai ali no mar e pesca um peixe, e se quiser vende; pega marisco e já está encomendado. É isso que não me tira daqui. Às vezes vai para um lugar distante, como Cariacica ou Serra, e passa dificuldade”, conta, empolgada, a zeladora Vera Lúcia Araújo. Mesmo sem água encanada e acesso à energia, ela vive há 40 anos com a família numa ilha isolada de Vitória, que parece ter parado no tempo.

Localizada a 120 metros do Píer de Iemanjá, na Praia de Camburi, a Ilha do Fato destaca-se no horizonte pela grandiosidade e vegetação abundante. Porém, para perceber algo diferente é preciso atenção:

no meio dos coqueiros, uma pequena casa de 4 cômodos e paredes azuis quase se confunde com o céu.

A dificuldade fez surgir a ilha como moradia. A zeladora conta que se mudou com o marido e os filhos em 1975, após problemas financeiros. “Meu marido atravessava as pessoas de barco pelo Porto de Vitória e, numa época de desemprego, um dos passageiros ofereceu que eu morasse na ilha como zeladora”, revela.

No começo, Vera Lúcia teve dificuldades de encarar o mar e lembra quando os filhos estudavam. “Custei a sair de casa com medo da água. Mas mesmo assim, todos os dias a gente levava os filhos à escola. Todos eles estudaram”, orgulha-se.

A ida à cidade é encarada apenas como uma necessidade para resolver questões do dia a dia, como bancos e médicos. Religiosa e tomando seis remédios para controlar a pressão, Vera Lúcia



A ilha fica a 120 metros do Píer de Iemanjá, na orla de Camburi, em Vitória

não dispensa as idas à igreja. “Eu frequento uma igreja evangélica e me desloco aqui até Santo Antônio apenas para isso”, comenta.

## PARADOS NO TEMPO

O dia começa cedo para “Dona Vera”, como é conhecida. Ela revela que acorda todos os dias às 4

horas, mas que levanta apenas às 6h para arrumar a casa, preparar o almoço e cuidar dos animais que ficam soltos. “Não tem muito o que fazer aqui”, diz ela, antes de soltar uma gargalhada.

E quem visita a ilha percebe isso. A ausência de água encanada e rede elé-

trica faz com que a família viva de maneira bem pacata. Os poucos sinais de tecnologia estão no telefone celular, que não acessa internet, na televisão com a velha antena interna e um de aparelho DVD.

Geladeira? Não tem. A pequena neta Verônica Correia Rangel, de 5 anos,

conta que adora comer o arroz, feijão e o macarrão da avó. “Aqui a gente come de tudo. Criamos os animais, e o meu filho gosta de comer do bom e do melhor. Ele só gosta de filé mignon”, provoca a zeladora com risadas.

Observar a paisagem é uma das principais distrações na Ilha do Fato. De lá, é possível ver algumas praias desertas, a orla de Camburi inteira e o Convento da Penha numa visão de tirar o fôlego que mistura, ainda, a Terceira Ponte e a Ilha do Frade.

“Quando a lua está grande e sobre o mar, o visual é fantástico. A gente vem para cá ficar olhando o reflexo no mar”, afirma o neto mais velho, Lucas Lauriano da Silva, 20 anos.

[gazetaonline.com.br](http://gazetaonline.com.br)

Veja mais fotos e depoimentos em vídeo sobre a Ilha do Fato e a família no portal Gazeta Online.